



# II ENEMI

Encontro Nacional de Educação  
Matemática Inclusiva



UESB/UESC - BA

---

## Resiliência, fatores de riscos e fatores protetivos na inclusão matemática de aluno surdo

### GD: Educação Matemática de pessoas com surdez e surdocegueira

Romar Souza Barros<sup>1</sup>  
Roberta D'Ângela B. Menduni<sup>2</sup>  
Tânia Cristina R.S. Gusmão<sup>3</sup>

#### Resumo

O objetivo da pesquisa, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), foi avaliar os níveis de resiliência e os fatores protetivos e/ou fatores de riscos da tríade professor de matemática-aluno com surdez-professor especialista em Libras, envolvidos no processo de inclusão matemática. Ambos os sujeitos participantes da pesquisa advêm de uma Escola Estadual na cidade de Vitória da Conquista - BA. A pesquisa se insere dentro de uma abordagem qualitativa, foi realizada uma observação participante e foram utilizados como instrumento de pesquisa, uma Escala de Resiliência e uma Escala de Atitudes em Relação à Matemática. Também se utilizou de entrevista semiestruturada para coletar os dados. Os resultados indicam que o potencial de resiliência da tríade é de médio-alto para alto e a atitude negativa em relação à Matemática foi apresentada apenas pelo aluno; foi identificada uma relação com fatores de riscos e protetivos na percepção da vulnerabilidade e exposição ao risco associada aos fatores intrínsecos e extrínsecos aos sujeitos.

**Palavras-chave:** Resiliência; Inclusão Escolar; Aluno Surdo; Ensino da Matemática.

---

<sup>1</sup> Mestre em Ensino pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), professor na Faculdade Independente do Nordeste (FAINOR), professor.romar.barros@gmail.com.

<sup>2</sup> Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> do Departamento de Ciências Exatas e Tecnológicas (DCET) na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), robertamenduni@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> do Departamento de Ciências Exatas e Tecnológicas (DCET) na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), tania.gusmao@uesb.edu.br



# II ENEMI

Encontro Nacional de Educação  
Matemática Inclusiva



UESB/UESC - BA

---

## Introdução

Entre as décadas de 1970 e 1980 pesquisadores norte-americanos e ingleses voltaram suas atenções para um fenômeno tipicamente humano que indicava que algumas pessoas permaneciam saudáveis, apesar de estarem expostas a situações adversas potencialmente nocivas à saúde. Conforme Coimbra e Moraes (2015, p.60), esse fenômeno passou a ser compreendido como “um processo pelo qual as pessoas são capazes de se recuperar das adversidades experimentadas e seguir em frente com as suas vidas”. Trata-se de um processo dinâmico que se manifestaria influenciado pelos fatores de proteção, cuja designação passou a ser resiliência.

Por ser considerada a Matemática uma disciplina árida, em que muitos alunos têm aversão ao seu ensino, demonstrando sentimentos muitas vezes de desânimo, gerando uma sensação de incapacidade, e que a construção da resiliência em função da Matemática pode ser influenciada por um conjunto de variáveis, entre elas a relação professor-aluno, este estudo buscou responder às seguintes questões: (i) como se configura o nível de resiliência individual de um professor de matemática, um professor de Libras do AEE e um aluno com surdez no processo de inclusão Matemática?; e (ii) quais são os fatores protetivos e/ou de riscos, para cada indivíduo, quando confrontados com uma adversidade relacionada ao processo de ensino e aprendizagem em ambiente de inclusão? Assim, este estudo objetiva avaliar os níveis de resiliência e os fatores protetivos e/ou fatores de riscos da tríade professor de matemática-aluno com surdez-professor especialista em Libras, envolvidos no processo de inclusão matemática.

A motivação central da pesquisa é poder permitir uma discussão no sentido de se tornar o ensino da Matemática, na prática escolar inclusiva de surdos, menos sofrível e mais acessível, tanto para estes alunos quanto para os professores e especialistas.



# II ENEMI

Encontro Nacional de Educação  
Matemática Inclusiva



UESB/UESC - BA

---

Para esta comunicação, será apresentada, brevemente, a resiliência no ambiente escolar inclusivo, fatores de risco e de proteção em ambiente escolar inclusivo. Em seguida, comenta-se sobre os caminhos percorridos para a realização da pesquisa, os resultados encontrados e conclusões à luz da literatura estudada.

### **A surdez e o ambiente escolar inclusivo**

Brettas (2015) considera que a surdez não seria decisiva em um processo de aprendizagem, mas sim a restrição de experiências no meio físico e social provocadas pela ausência de um sistema linguístico que favoreça a construção do conhecimento. As dificuldades de comunicação impostas em decorrência disto podem afetar tanto no processo de formação da personalidade quanto no cognitivo.

A língua de sinais, para os surdos, é um sistema que atua com a mesma funcionalidade que a linguagem oral para os ouvintes. A facilidade da comunicação e a afetividade estabelecida nas relações com os indivíduos podem auxiliar na interação e na superação de seus limites (BRETТА, 2015).

Desse modo, o processo de inclusão educacional dos surdos aponta uma dependência acentuada das relações e vivências cotidianas estabelecidas pelo contato com os seus pares, membros de sua comunidade, por meio de uma comunicação clara e natural. O ambiente escolar, neste contexto, configurar-se-ia muito benéfico ao trabalho de inclusão em uma perspectiva de respeito às diferenças, ao valer-se da diversidade em favor da construção da aprendizagem.

### **Resiliência no ambiente escolar inclusivo**

Assis, Avanci e Pesce (2006) afirmam que a resiliência tem caráter construtivo, ou seja, não é inata ao sujeito e também não é uma aquisição feita de fora para dentro, mas sim “um processo interativo entre a pessoa e o seu meio, o qual capacita e fortalece o



# II ENEMI

Encontro Nacional de Educação  
Matemática Inclusiva



UESB/UESC - BA

---

indivíduo para lidar positivamente com a adversidade” (ASSIS; AVANCI; PESCE, 2006, p. 20) num processo coparticipativo.

Peres, Mercante e Nasello (2005) afirmam que o aspecto crucial para o desenvolvimento da resiliência estaria nas crenças de autoeficácia e que a percepção desta está baseada no conhecimento da própria capacidade de enfrentar e superar dificuldades, sendo assim um “preditor da resiliência”.

Os estudos sobre resiliência no processo de ensino e de aprendizagem ainda são preliminares e, quando se trata especificamente do ensino da Matemática no processo de inclusão, tornam-se raríssimos. Os poucos estudos nessa área mostram que a resiliência pode ser consolidada na ação docente, e que o ambiente escolar pode ser favorável ao potencial de resiliência para ação pedagógica quando há suporte afetivo e emocional às pessoas (MINAYO; FAJARDO; MOREIRA, 2013).

Mantoan (2003) considera que a inclusão escolar que é um processo notoriamente adverso, cujo resultado vem a ser uma educação “plural, heterogênea e diferente do comum” (MANTOAN, 2003, p.20). Por esse motivo, a resiliência passa a ser um fenômeno importante para que o educador saiba lidar com os seus problemas e o dos alunos no processo de inclusão.

### **Fatores de risco e de proteção em ambiente escolar inclusivo**

Costa e Bigras (2007) afirmam que o estudo da resiliência emergiu dos estudos de risco, observando que, em condições adversas, alguns indivíduos superavam os seus próprios limites e acabavam por desenvolver competências para o enfrentamento e a superação da adversidade a qual estavam submetidos.

Para Janczura (2012) o risco é a possibilidade de algo ou alguma coisa não dar certo ou ser inapropriado. Situação geralmente perigosa, incômoda e indesejável, cuja



# II ENEMI

Encontro Nacional de Educação  
Matemática Inclusiva



UESB/UESC - BA

---

ocorrência não depende exclusivamente da vontade de quem está exposto. Por meio da noção de risco, reconhece-se que é possível aplicar uma ação preventiva. Toda ação preventiva tem uma relação com o risco, na tentativa de mitigá-lo significativamente, ou, até mesmo, de eliminá-lo (JANCZURA, 2012).

Os resultados provocados por um determinado fator de risco pode ser diferente em cada indivíduo, ou, até mesmo, provocar um resultado em um indivíduo e não em outro, ou operar como fator de vulnerabilidade. Para Rachman (2008), enquanto a vulnerabilidade teria relação com a suscetibilidade do indivíduo em responder negativamente a uma exposição à adversidade, o risco não seria algo que se poderia caracterizar integralmente como sendo negativo, por gerar resultados tanto negativo quanto positivos, a depender da resposta de cada um, da situação ou do momento.

Numerosos são os fatores de riscos que podem afetar o potencial de resiliência dos indivíduos, especificamente de adolescentes que se encontram no processo de aprendizagem em escolas da rede pública de ensino, notadamente, os que são estudantes público-alvo da educação especial. A identificação e o conhecimento destes fatores de riscos, bem como dos fatores protetivos, permite estabelecer ações para amenizar ou eliminar os efeitos do agravo.

A relevância desta identificação está relacionada às considerações das autoras Costa e Bigras (2007) quando afirmam que indivíduos expostos repetidas vezes a situações e experiências adversas podem sentir-se incapazes. Por outro lado, ao serem encorajados em suas competências e motivados em sua autoconfiança, eles potencializam sua resiliência.

### **Metodologia do estudo**

Esta pesquisa se insere dentro de uma abordagem qualitativa, em que foi realizada uma observação participante em aulas de Matemática, entre meados de abril a julho de



# II ENEMI

Encontro Nacional de Educação  
Matemática Inclusiva



UESB/UESC - BA

---

2019, na unidade de Atendimento Educacional Especializado (AEE), ou salas multifuncionais, de um colégio público, Ensino Fundamental II e Médio, do município de Vitória da Conquista, Bahia.

A amostra foi composta por um aluno surdo que cursava o 1º ano do Ensino Médio, sua professora de Matemática e sua professora de Libras no AEE.

Para operacionalizar os objetivos, utilizaram-se dois instrumentos autoaplicáveis: 1) Escala de Resiliência (ER) de Wagnild e Young (1993) originalmente criada para medir níveis de resiliência, sendo adaptada e validada, no Brasil, por Pesce et al. (2005). Trata-se de um inventário contendo 25 afirmativas positivas, organizados em uma escala tipo *lickert* variando de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo totalmente), que mede os níveis de adaptação psicossocial positiva em face de eventos de vida importantes, distribuídas em cinco componentes: Perseverança, Sentido da Vida, Serenidade, Autossuficiência e Autoconfiança; 2) Escala de Atitudes em Relação Matemáticas (1998), adaptada da versão original Aiken e Dreger (1961), Aiken (1963) e validada por Brito (1998). É composta por 21 proposições. Das questões, 10 exprimem sentimentos negativos em relação à matemática e 11 expressam sentimentos positivos. Cada uma das alternativas é pontuada de 1 a 4, que vai de 1 (discordo totalmente) a 4 (concordo totalmente).

As escalas foram respondidas individualmente e em momentos diferentes por cada partícipe. Em seguida, as respostas foram tabuladas gerando o resultado conforme a pontuação das mesmas. Também foi realizada entrevista semiestruturada individualmente. A partir da aplicação deste último instrumento foi construída a matriz dos fatores, conforme figura 1.

## Resultados e Discussões



II ENEMI  
Encontro Nacional de Educação  
Matemática Inclusiva



UESB/UESC - BA

As resiliências individuais dos partícipes, segundo a Escala de Resiliência, foram avaliadas em nível alto, médio e baixo e seus resultados encontram-se na tabela 1, a seguir:

**Tabela 1: Caracterização dos níveis de resiliência dos partícipes da tríade.**

Componentes da Resiliência	Aluno	P.Mat Nível	P.Esp
Perseverança	Médio	Alto	Médio
Sentido de Vida	Alto	Alto	Médio
Serenidade	Médio	Alto	Médio
Autossuficiência	Médio	Médio	Médio
Autoconfiança	Alto	Alto	Alto
Caracterização do Potencial de Resiliência	Médio	Alto	Médio

Fonte: BARROS, 2020, p.92

Os resultados evidenciaram que o potencial da professora de Matemática é o mais elevado, revelado por quatro dos cinco componentes. O potencial da professora especialista e do aluno apresentou resultado mediano, evidenciados, respectivamente, pela Autoconfiança e Sentido de Vida.

Na análise dos resultados concernentes à atitude em relação à Matemática, permitiu-se verificar que quanto mais predominar uma atitude negativa em relação à matemática, maior poderá ser o nível de exposição do indivíduo à adversidade. O ponto médio alcançado pelo grupo foi de aproximadamente 53 pontos, portanto, conforme a Tabela 2, o aluno logrou uma pontuação inferior a esta média, apresentando uma “atitude negativa”. A professora especialista e a professora de Matemática alcançaram pontuação superior revelando “atitudes positivas”.

**Tabela 2: Análise da escala de atitudes em relação à Matemática.**

EARM	Aluno	P. Mat	P. Esp	Atitude Negativa	Atitude Positiva
Escore	24	79	55	[20 - 52]	[53 - 80]
Tipo de Atitude	Negativa	Positiva	Positiva		

Fonte: BARROS, 2020, p.103





# II ENEMI

Encontro Nacional de Educação  
Matemática Inclusiva



UESB/UESC - BA

---

Na análise situacional indicada pelo cruzamento dos resultados obtidos pelas escalas, verifica-se que o aluno apresenta situação de vulnerabilidade, quando está suscetível a dar uma resposta negativa a uma exposição à sua adversidade. Neste caso é a de superar a dificuldade que tem em aprender Matemática.

A professora especialista em Libras apresenta uma situação de vulnerabilidade relativamente neutra revelada por sua atitude positiva em relação à matemática, embora com escore próximo à atitude negativa, e, seu potencial de resiliência apresentando nível médio, revelando que ela pode dar uma resposta relativamente positiva, quando exposta à sua adversidade. Neste caso, superar as limitações pessoais em matemática para ensinar a um aluno que apresenta dificuldades em aprender essa matéria. Essa exposição ao risco é acentuada pelo fato de não ter licenciatura em Matemática.

A professora de Matemática apresenta uma situação notória de invulnerabilidade, indicada por seus escores elevados, tanto no potencial de resiliência, quanto na atitude em relação à Matemática. Desse modo, a princípio, ela apresenta todas as condições favoráveis para superar a adversidade de ensinar matemática para aluno surdo bilateral com dificuldades de aprendizagem da Matemática, evidentemente, com o auxílio de uma intérprete.

Para analisar os fatores de riscos e de proteção e compreender melhor os estados de vulnerabilidade ou de exposição ao risco dos participantes, utilizou-se a matriz apresentada na Figura 1, que leva em consideração os fatores protetivos extrínsecos (oportunidades) como possíveis mecanismos de mitigação e/ou modificação dos fatores de riscos intrínsecos (fraquezas), e os fatores protetivos intrínsecos (forças) como elementos para amenizar e/ou eliminar os fatores de riscos extrínsecos (ameaças).





# II ENEMI

Encontro Nacional de Educação Matemática Inclusiva



UESB/UESC - BA

Figura 1: Matriz dos fatores protetivos e de riscos do aluno

A	FATORES PROTETIVOS	FATORES DE RISCO
INTRÍNSECOS	<b>PONTOS FORTES</b>	<b>PONTOS FRACOS</b>
	Gostar da escola Sociável Muito interessado Bem humorado e alegre Organizado e pontual	Impaciente em algumas situações Desinteresse com aquilo que não consegue resolver Agitado em alguns momentos Manifesta indiferença em alguns momentos Não querer fazer as coisas Confusão em alguns assuntos Altos e Baixos
EXTRÍNSECOS	<b>OPORTUNIDADES</b>	<b>AMEAÇAS</b>
	Estar na sala multifuncional Aprender com a professora da multifuncional Intérprete de LIBRAS em sala de aula Vontade em saber utilizar o dinheiro Poucas, mais ou menos e às vezes	Desistência da professora de sala de aula Entender a Matemática O atendimento no AEE parar Abandono, exclusão e separação Confusão com os problemas explicados pela fala da professora
<b>ADVERSIDADE:</b> Aceitação das limitações e busca de alternativas no processo de aprendizagem da Matemática.		

Fonte: BARROS, 2020, p.99

Na análise do resultado do aluno, os fatores protetivos intrínsecos indicam não serem suficientes para amenizar, nem sequer modificar os fatores de riscos extrínsecos em geral. Das ameaças relacionadas, apenas o “Abandono, exclusão e separação” poderia ser amenizada pelos fatores que apontam sociabilidade, alegria e bom humor, e, o “Entender a Matemática”, poderia ser modificada pelos fatores “Gostar da escola” e “Muito interessado”. O conjunto das demais ameaças, a princípio, não indica condições para que mecanismos protetivos intrínsecos sejam estimulados.

Por outro lado, os fatores protetivos extrínsecos apresentados indicam atender, pelo menos em parte, a possibilidade de atenuação de alguns fatores de riscos intrínsecos, pois se trata de aspectos eminentemente psicológicos e comportamentais, pelo fato do aluno se sentir bem no ambiente da sala de recursos multifuncionais e por reconhecer na professora especialista atenção, acolhida e afetividade.

Os resultados obtidos destacam, entre outras coisas, a situação de vulnerabilidade do aluno, provocados em sua maior parte pelo resultado da sua atitude em relação com a Matemática, por ter apresentado indicativo de dificuldade em se apropriar dos seus



# II ENEMI

Encontro Nacional de Educação  
Matemática Inclusiva



UESB/UESC - BA

---

conteúdos. Costa e Bigras (2007) esclarecem que a exposição a uma adversidade pode representar tanto um fator de risco, quanto um fator protetivo, e que, para se caracterizar uma situação, necessário se observar a dependência na relação, entre o fator em si, da condição e da resposta. Desse modo, essa exposição do aluno caracteriza-se como fator de risco.

Os resultados indicaram que o papel da professora especialista revelou ser essencial nessa mediação, pois estabeleceu uma relação profícua no processo de ensino e aprendizagem, favorecida pela afetividade e comunicabilidade com o aluno, corroborando com Cyrulnik (2004) quando afirma que a capacidade de reciprocidade afetiva é a verdadeira fonte da resiliência.

## Conclusão

O potencial de resiliência elevado não implica, necessariamente, na garantia que o processo de ensino e de aprendizagem, nas condições observadas, ocorra de forma efetiva. Dependem de elementos como comunicabilidade, envolvimento, afetividade, acessibilidade e adaptabilidade. Sem estes elementos, o potencial de resiliência se polariza no indivíduo, ou seja, não é compartilhado em um fluxo bidirecional.

Contudo, importante ressaltar que as atitudes positivas em relação à matemática e os níveis de médio-alto a alto de resiliência das professoras possibilitam maiores condições para o enfrentamento das adversidades propostas, podendo amenizar ou modificar a situação de vulnerabilidade do aluno, em relação à Matemática.

É necessário pensar em ações que possam compor a rotina da professora de matemática e da professora especialista, levando-se em consideração as diversas influências que possam afetar o desempenho do aluno. Além de valorizar suas necessidades, respeitar suas condições enquanto ser com necessidades especiais, possibilitaria o seu desenvolvimento na matemática.



# II ENEMI

Encontro Nacional de Educação  
Matemática Inclusiva



UESB/UESC - BA

---

A caracterização do potencial de resiliência e das atitudes com relação à Matemática revelou-se apropriada para a identificação das condições dos indivíduos na relação de ensino-aprendizagem no processo de inclusão, uma vez que fornece elementos que abrangem vários aspectos dos quais precisam ser levado em consideração na elaboração de uma proposta de trabalho para a educação matemática inclusiva de alunos surdos.

## Referências

- ASSIS, S. G. DE; AVANCI, J. Q.; PESCE, R. P. **Resiliência - Enfatizando a Proteção dos Adolescentes**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- AZZI, R. G. **Introdução à teoria social cognitiva**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014.
- BANDURA, A.; AZZI, R. G.; POLYDORO, S. **Teoria Social Cognitiva: conceitos básicos**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- BARROS, R.S. **Resiliência: uma preciosidade na relação entre um aluno com deficiência, uma professora de matemática, uma professora especialista**. 2020. 156f. Dissertação de Mestrado em Ensino – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2020.
- BRETTAS, K.P. **A inclusão matemática de um aluno surdo na rede municipal de Juiz de Fora mediada por um professor colaborativo surdo de Libras atuando em bidocência**. 2015. 183f. Dissertação de Mestrado Profissional – Universidade Federal de Juiz de Fora. Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, Juiz de Fora, 2015.
- CASTILLA-CABELLO, H. **Manual de La Escala de Resiliência de Wagnild y Young**. Lima: 2019. Disponível em: < [https://dokumen.site/queue/manual-escala-de-resilienciapdf-a5b39efc01064a?&queue\\_id=1&v=1577406699&u=MTc3Ljg3LjkuMTc0](https://dokumen.site/queue/manual-escala-de-resilienciapdf-a5b39efc01064a?&queue_id=1&v=1577406699&u=MTc3Ljg3LjkuMTc0)>. Acesso em: 27 nov. 2019.
- COIMBRA, R. M.; MORAIS, N. A.; (organizadoras). **A Resiliência em Questão: perspectivas teóricas, pesquisa e intervenção**. Porto Alegre: Artmed, 2015.
- COSTA, M. C. O.; BIGRAS, M.. **Mecanismos pessoais e coletivos de proteção e promoção da qualidade de vida para a infância e adolescência**. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro , v. 12, n. 5, p. 1101-1109, Oct. 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232007000500002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232007000500002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 08 jun. 2019.



# II ENEMI

Encontro Nacional de Educação  
Matemática Inclusiva



UESB/UESC - BA

---

CYRULNIK, B. **Resiliência: Essa Inaudita Capacidade de Construção Humana.** Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

JANCZURA, R. **Risco ou vulnerabilidade social? Textos & Contextos** (Porto Alegre), v. 11, n. 2, p. 301–308, 2012. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/12173>> . Acesso em: 03 jul. 2019.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar : o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

PERES, J. F. P.; MERCANTE, J. P. P.; NASELLO, A. G.. **Promovendo resiliência em vítimas de trauma psicológico.** Rev. psiquiatr. Rio Gd. Sul, Porto Alegre , v. 27, n. 2, p. 131-138, Aug. 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-81082005000200003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-81082005000200003&lng=en&nrm=iso)>. Acessado em: 09 Sept. 2018.

PESCE, R. P. et al . **Adaptação transcultural, confiabilidade e validade da escala de resiliência.** Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 436-448, Apr. 2005 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2005000200010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2005000200010&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 28 jun. 2018.

RACHMAN, V. C. B. **Resiliência: o emprego deste conceito nas áreas de Educação e Psicologia da Educação no Brasil (2002 a 2007).** 2008. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/16445>>. Acesso em: 15 jun. 2019.

TAVARES, J. P. DA C. (organizador). **Resiliência e Educação.** São Paulo: Cortez Editora, 2001.

YUNES, M. A. M. & Szymanski, H. (2001). **Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas.** Em: Tavares J. (organizador.) Resiliência e Educação, (pp. 13-42). São Paulo: Corte, 2001.